

DIÁLOGOS ENTRE A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E A CINEMATOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS SOBRE O INDÍGENA (1995-2005)

1. Mabel Freitas Araujo de Souza – Bolsista PIBIC/FABESP; Graduada de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana; e-mail: belhist@hotmail.com.
2. Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira – Orientadora; Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: anametida@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Povos Indígenas, Cinema, História.

Introdução

O presente resumo objetiva apresentar algumas reflexões propostas pela pesquisa intitulada: “Diálogos entre a historiografia brasileira e a cinematografia na construção de imagens sobre o indígena (1995-2005)”, que buscou um possível diálogo entre cinematografia e historiografia, pretendendo refletir sobre as construções imagéticas dos povos indígenas¹ veiculadas em alguns filmes ficcionais brasileiros no intuito de analisar as imagens implícitas e explícitas nesse meio de comunicação, que é um elemento de produção e reprodução de atitudes e valores culturalmente vigentes na sociedade. Buscou-se ainda identificar as formas de construção imagética e destacar as similaridades do discurso fílmico em relação à alguns discursos contidos na historiografia clássica brasileira sobre os indígenas.

Desde os primeiros escritos sobre esses povos até uma boa parte das produções historiográficas desse século é possível verificarmos uma construção discursivo-imagética sobre os indígenas pautada na alteridade e elementos pretéritos e estereotipados. A influência dos escritos do período colonial se fez presente no nascimento da nossa historiografia. Os cronistas descreviam o novo cenário buscando elucidar aspectos que favoreciam seus interesses, ora evidenciando a existência de um território indígena a ser dominado, ora negando sua existência, caracterizando as novas terras como inabitadas, relatando tudo sempre sob a perspectiva de colonização.

Dando continuidade a esse pensamento, os primeiros escritores da historiografia brasileira do século XIX, buscando um processo de nacionalização, influenciaram a formação da ideia sobre os indígenas na sociedade brasileira, principalmente na educação, a partir de livros didáticos e outros materiais que reforçam ideias retrogradadas e simplistas a respeito da vasta cultura das sociedades indígenas.

As construções sobre os indígenas com base nos aspectos estereotipados não estão restritas à produção historiográfica. Vários suportes e linguagens veiculam imagens e concepções equivocadas, preconceituosas, discriminatórias e generalizadas sobre as populações indígenas como podemos constatar através da imprensa, artes, literatura, recursos didáticos, cinema, dentre outros. Tomamos o cinema ficcional como suporte a ser analisado nesta pesquisa, acreditamos que o mesmo se constitui num meio eficaz de veiculação dessas imagens e concepções sobre os povos indígenas.

Metodologia

¹ O termo “povos indígenas” é usado neste trabalho não como homogeneização de culturas tão amplas. A opção pelo mesmo se deve ao fato de que nas obras Historiográficas que serão paralelamente analisadas, não existem especificações aos grupos aos quais esses sujeitos pertencem. Já no caso de algumas películas aqui destacadas, procurarei mostrar os diversos grupos apresentados nas mesmas.

A cinematografia deve ser compreendida como produção fictícia e histórico-social, considerando o fato de que apesar de poder recriar a realidade dentro de sua perspectiva, a produção fílmica está ligada ao processo histórico, aspecto esse que não é representado necessariamente de forma direta nessas películas, mas em seu processo de criação e interpretação, logo se internalizando na estrutura da obra contribuindo para a manutenção do imaginário criado acerca dos povos indígenas.

Partindo desse pressuposto, a película ficcional deve ser interpretada como um objeto de reflexão plural, ligada diretamente ao imaginário da sociedade. Partimos desse aspecto para analisar o cinema ficcional brasileiro de longa metragem em suas representações do indígena, contrapondo nossas análises a uma produção historiográfica que também apresenta os povos indígenas de forma genérica, reforçando estereótipos.

Para tal objetivo fez-se necessário um levantamento da filmografia a qual trazia de uma forma ou de outra o personagem indígena em sua narrativa. Esse levantamento incluiu desde a primeira produção fílmica brasileira que apresenta o personagem indígena, 1911, até o desfecho do recorte temporal dessa pesquisa, 2005. Em seguida selecionamos os três filmes que definimos como fontes principais para a discussão.

A pesquisa tomou como material fundamental para a análise três filmes que circundam o período de 1995 a 2005, sendo eles: a versão de *O Guarani*, de Norma Bengell, 1996, baseado no romance de José de Alencar, *Hans Staden* de Luiz Alberto Pereira, 1999, baseado no livro *Duas Viagens ao Brasil e Caramuru a Invenção do Brasil* de Guel Arraes, 2001. Tais filmes foram escolhidos para exemplificar como as produções geradas no período anterior e posterior aos 500 anos se posicionaram frente a questão indígena no Brasil, tal como por serem títulos acessíveis ao público. É importante demonstrar também se os 500 anos de “miscigenação” mudaram o conceito sobre o indígena propagado pela primeira vez na carta de Pero Vaz de Caminha e perpetuado pela historiografia clássica. O período de 1995 a 2005, contexto no qual se estabelece a Primeira Década Internacional das Populações Indígenas do Mundo, fazendo com que as questões referentes a temática indígena ganhasse mais visibilidade, constituiu o recorte temporal também marcado pela recuperação da indústria cinematográfica nacional denominado de *período da retomada* por conta das grandes publicações, divulgação, distribuição e exibição de filmes nacionais nesse período.

Discussão dos dados

O primeiro filme, **O Guarani**, de Norma Bengell, lançado em 1996, é um dos filmes baseado no romance de José de Alencar²⁵ escrito no auge do romantismo idealista de meados do século XIX no movimento literário indianista. A película apresenta uma visão romantizada sobre o indígena Peri - o "bom selvagem", corajoso chefe da nação dos goitacás - contribuindo para a construção da nacionalidade, elegendo o indígena como parte fundamental na construção da identidade brasileira a partir da teoria de miscigenação presente em tantas obras historiográficas. O indígena em Peri é colocado como heroico, bondoso, corajoso e, sobretudo, obediente, afinal a construção da nacionalidade deve ser feita a partir de características consideradas positivas, evitando as situações conflituosas. Como na maioria das crônicas e textos historiográficos, o indígena aparece como intrínseco a natureza, separados em dois grupos: um marcado pela submissão, o bom selvagem, e outro, cruel e inescrupuloso, o mau selvagem, assim classificado por não se render aos interesses e costumes do colonizador.

No segundo filme, **Hans Staden** de Luiz Alberto Pereira, lançado em 1999, baseado no livro *Duas Viagens ao Brasil*²⁶, percebe-se uma visão considerada como mais verossímil sobre os indígenas através da narrativa do estrangeiro que conviveu com os tupinambás no período colonial. Apesar de ser apresentado com maior verossimilhança que os outros dois

filmes analisados e trazer elementos importantes da cultura indígena no século XVI, o filme que se propõe a relatar o “outro”, indígena, acaba privilegiando mais o próprio Staden. Ao seguir a sequência dos escritos de Staden, acaba por reproduzir, sem criticidade, as mesmas colocações feitas no livro, ganhando caráter descritivo. Mesmo um dos principais assuntos retratados no filme, antropofagia, aparece sem maior significação, só colocado como parte da continuidade aos relatos de Hans Staden. A linguagem objetiva do filme aparenta certa imparcialidade, como uma tentativa de mostrar o que “aconteceu de fato”, sem inclinações. Porém isso não pressupõe que a película consiga ser imparcial. A neutralidade também constitui e reproduz discursos.

Na terceira película, a comédia **Caramuru, a Invenção do Brasil**, dirigido por Guel Arraes, lançado em 2001, fica evidente uma imagem ridicularizada dos povos indígenas, mais especificamente, a criação de um modelo caricato dos tupinambás. Em aspectos gerais, a película exacerba a imagem sensual da mulher indígena, Moema e Paraguaçu estão sempre ligadas à sexualidade, reforçando a ideia de luxúria e de índias “doidas por homem branco”, destacada em alguns textos historiográficos, principalmente em Gilberto Freyre²⁸. A concepção do “índio preguiçoso” e “raça de gente fraca e mole” também está presente nesse filme, Itaparica, o chefe da aldeia, é o principal figurante dessa característica, seguindo a ideia de Varnhagen²⁹, que acredita que esse aspecto facilitou o trabalho dos portugueses na conquista das terras.

No filme não há o menor sinal do choque violento entre as duas culturas, pelo contrário, a chegada de colonizadores é caracterizada como momento oportuno para que os indígenas “falsos” e “infiéis”, sejam beneficiados. Essa película traz preconceitos sobrepostos em diálogos criativos e taxativos, fazendo do riso um forte instrumento político que acaba por naturalizar e internalizar essas ideias que perpetuam estereótipos referentes aos povos indígenas.

Considerações finais

O preconceito sobre os indígenas é alimentado a partir de meios amplos de comunicação. Muitas das informações contidas nas películas ficcionais são internalizadas automaticamente sem uma reflexão maior sobre o assunto tratado, dando continuidade a um pensamento preconceituoso que estigmatiza os indígenas ao período colonial sem chance de mudanças. Além disso, são pouquíssimos os filmes que tratam desses povos como protagonistas do enredo e de sua própria história, há quase sempre o retrato do colonizador se sobrepondo seja na trama, seja na sua existência.

Seja como o indígena caricatural ou romântico, e até mesmo o mais “verossímil”, todos esses personagens revelam um discurso sobreposto. Enxergar e retratar o “outro” como nos convém, pode ocasionar uma reprodução no imaginário social e fundar uma tradição de discursos que acaba por instituir sentidos e significados pautados em relações de poder através da construção de representações para os sujeitos. Essa subjetivação onde se interpreta o “outro” a partir do “eu” perpassa por uma naturalização, resultando na criação de estereótipos, cuja base está ligada a uma relação entre diferentes, pois através das práticas discursivas pode-se naturalizar um determinado lugar social para cada indivíduo.

Referências

- CAETANO, Daniel. (Org.). *Cinema Brasileiro 1995-2005: ensaios sobre uma década*. Rio de Janeiro: Contracampo/Azougue Ed., 2005.
- CORRÊA, Dora Shellard. “Historiadores e cronistas e a paisagem da colônia Brasil”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 51. 2006.
- CUNHA, Edgar Teodoro da. *Cinema e Imaginação - A imagem do índio no cinema brasileiro dos anos 70*. São Paulo. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1999.
- FERRO, Marc. “O filme: uma contra-análise da sociedade?” In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 79-115.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: editora Record, 1989.
- GANDAVO, Pero Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. História da Província de Santa Cruz. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- KORNIS, Mônica Almeida. “História e Cinema: um debate metodológico”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.237-250.
- MARTIUS, Carl F.P. Von. Como se deve Escrever a História do Brasil in: *O Estado de Direito entre os Autóctones do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1982.
- MORETIN, Eduardo V. “Hans Staden: o indivíduo e a História”. In: *Sinopse Revista de Cinema, nº 5 — São Paulo: CINUSP, junho/2000*.
- NÓVOA, Jorge. “Apologia da relação cinema-história.” In: *O Olho da História: Revista de História Contemporânea*. Nº 01, 1995. Disponível em. <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html>.
- NOVOA, Jorge, e NOVA, Cristiane (Org.). *Interfaces da história: caderno de textos*. v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- Revista Eletrônica *O Olho da História* . www.oohodahistoria.ufba.br
- SILVA, Juliano Gonçalves da. *O índio no cinema brasileiro e o Espelho Recente*. / Juliano Gonçalves da Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- STADEN, Hans. *Dois viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 218p.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. Tomo 1. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- VESPUCCI, *Carta a Lorenzo de Médici*, Lisboa, outono de 1501 in L.N.d'Olwer 1963: 542.